

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE MÉTODOS E TÉCNICAS – MTC
DISCIPLINA: 192015 – DIDÁTICA FUNDAMENTAL, TURMA H, NOTURNO
ALUNOS: ALEXANDRE ALBERTO BRAGA SANTOS
ALEXANDRE VINHADELLI PAPADÓPOLIS
GUILHERME AURÉLIO
VITOR ANDRADE
WELBE PEREIRA DOS ANJOS

TRABALHO: SEMINÁRIO LIVRO MORALES

ESQUEMA DO LIVRO

1. A relação professor-aluno e os resultados não intencionais

1.1. Os resultados não intencionais

- A importância da relação com os alunos pode ser compreendida a partir da reflexão sobre os resultados não intencionais, ou seja, aqueles obtidos além do que se pretende obter.

1.2. O que ensinamos realmente

- A intencionalidade do ensino e da aprendizagem. O que se espera que ocorra e o que realmente acontece.
- Pode-se ensinar mais por mensagens subliminares (implícitas) do que com o método formal.
- Uma influência específica vem da relação do professor com os alunos.

2. Características e atitudes dos professores que mantêm bom relacionamento com os alunos

- Que características tornam um mestre influente?
- O professor ideal não existe.
- Há muitos bons professores totalmente diferentes entre si.
- Não é imprescindível ter todos os traços associados ao bom professor.

2.1. O bom professor visto pelos alunos

- Diferentes faixas etárias externalizam diferentes características: deve-se avaliar aquelas que são consideradas mais importantes em função do contexto etário.
- Refletir sobre a percepção e o juízo dos alunos permite entrar melhor no mundo deles. Apesar de não ditar o comportamento do professor, pode contribuir para a formação de uma boa relação professor-aluno.

2.2. Características pessoais

- Os alunos estabelecem uma relação entre a qualidade do professor e traços de personalidade/caráter.
- Há traços de personalidade do professor que são mais promissores que outros para estabelecer um bom relacionamento com os alunos.
- Entretanto, importa mais o que fazemos do que como somos. O que fazemos é mais fácil de controlar, permite reflexão e mudança.

2.3. Atitudes e condutas: como nos vemos como professores

- Os bons professores não estão associados a traços de personalidade, mas a atitudes, a como o professor se vê.
- Os bons professores tem características coincidentes ao ver sua profissão como oportunidade para ajudar e servir aos outros; têm consciência do impacto que exercem sobre os alunos; aceitam a responsabilidade e a implicação de serem modelos de identificação para os alunos.

2.4. Reflexão sobre como somos e como podemos ser

- Ainda que a docência não exija integralidade de tempo, não se deve desperdiçar o tempo em que há contato com os alunos.
- Transmitimos mais do que ensinamos formalmente. Influímos para o bem ou para o mal, querendo o não.
- A transmissão meramente acadêmica de conhecimentos é uma oportunidade perdida.

- Controlamos melhor o que fazemos. Por isso, sempre é possível revisar nossa conduta. O bom professor é pródigo na análise das atitudes didáticas e relacionais, durante a qual deve surgir uma reflexão eficaz para melhorar profissionalmente.
- Mesmo com as limitações de tempo, pode haver reflexão sobre *como* exercemos nossas múltiplas atividades e sobre *onde* estão as ênfases e prioridades.

3. Multidimensionalidade da relação professor-aluno

- A relação entre professor e aluno é complexa, envolve vários aspectos. Não deve ser nem excessivamente didática nem excessivamente pessoal.
- É uma relação bidirecional com estilo definido a partir das influências recíprocas entre professor e alunos.

3.1. Relação a partir da motivação

- Há pelo menos duas dimensões a serem consideradas: pessoal (que envolve reconhecimento de êxitos, reforço de autoconfiança dos alunos, atitude de cordialidade e respeito ...) e didática (relacionada à estrutura que facilita o aprendizado).
- A qualidade da relação professor-aluno é formada pelo equilíbrio entre essas duas dimensões.

3.2. Perspectivas psicológicas e educativas

- A dimensão mais pessoal é de natureza psicológica e tem foco nas influências interpessoais na motivação. Pesquisas nesse sentido trazem informação sobre o perfil das crenças e atitudes dos alunos, permitindo antever sua motivação.
- A dimensão mais didática, do tipo educativo, produz pesquisas centradas mais nas condutas dos professores que são eficazes em promover a motivação dos alunos e sugere condutas motivadoras: dar orientação, mostrar entusiasmo, propor alternativa para a escolha dos alunos, elogio sincero, entre outras.
- Ambas as pesquisas (psicológicas e educacionais) apresentam perspectivas complementares sobre a relação entre conduta do professor e motivação do aluno.

3.3. Motivação e necessidades dos alunos

- Se há atendimento das necessidades psicológicas dos alunos, então a motivação é interna e cresce.
- A eficácia das condutas do professor está relacionada à eficácia que essas condutas têm de satisfazer as necessidades básicas dos alunos. O modo como ele considera sua tarefa como professor se traduz em sua relação global com os alunos na sala de aula.

3.4. Ações do professor e necessidades dos alunos

- As três dimensões a seguir são conceitualmente independentes, não havendo uma porque a outra existe.

3.4.1. Qualidade das relações interpessoais

- Baseia-se num ambiente de segurança, de paz, de confiança, permitindo que o que se aprende seja internalizado pelo aluno.

3.4.2. Dar estrutura ao aprendizado

- A aprendizagem deve ser planejada, estruturada, deve proporcionar informação e orientação, numa sequência didática com exercícios e ritmo.
- A organização deve ser flexível e ter capacidade de adaptação ao que acontece na sala de aula.

3.4.3. Apoiar a autonomia do aluno

- A autonomia do aluno está ligada à margem de liberdade que ele tem quanto às atividades do aprendizado, bem como à capacidade do professor de fomentar a motivação interna num clima de paz.

4. Os efeitos recíprocos da relação professor-aluno

- A reciprocidade de influência entre professor e aluno pode ser utilizada para potencializar a boa relação e o bom aprendizado.
- A ideia-chave para entendimento dos efeitos na relação não está no que o professor faz, mas como o aluno percebe o que é feito.

4.1. Conduta do professor e percepção dos alunos

- As condutas do professor influem sobre a percepção que os alunos têm de sua própria relação com os professores.
- O professor deve buscar inteirar-se de como ele é avaliado pelos alunos e se essa avaliação é relevante para a relação.

4.2. Conduta do professor e motivação dos alunos

- A conduta do professor influi sobre a motivação e a dedicação do aluno ao aprendizado.
- É importante transmitir de maneira crível que todos os alunos são importantes.

4.3. Dedicação do aluno e conduta do professor

- A dedicação do aluno influi muito sobre as condutas do professor.
- O professor tem a responsabilidade de identificar influências mútuas e negativas quanto ao ambiente de aprendizagem, rompendo o círculo vicioso que eventualmente tenha se formado.

5. Avaliação informal das primeiras impressões

- As primeiras impressões podem ser muito condicionantes na relação entre professor e aluno, por terem o poder de distorcer tudo o que é visto depois que ela é formada.
- Elas ocorrem tanto do professor em relação aos alunos quanto dos alunos em relação ao professor.

5.1. Os preconceitos

- São avaliações negativas daqueles que pertencem a determinado grupo, realizada sem fundamento suficiente e sem objetivo. São aprendidos na cultura ambiental e, devido ao componente emocional, são resistentes à mudança.
- É preciso estar atento à existência de preconceitos e de estereótipos, por interferirem na qualidade de vida na classe e a qualidade da relação na sala de aula.

5.2. Os juízos e avaliações prévias

- A informação prévia pode ser útil e é quase inevitável. Entretanto, deve ser utilizada com cuidado para evitar rótulos que prejudiquem a motivação dos alunos.

5.3. As primeiras impressões em sentido próprio

- A qualidade da relação professor-aluno pode ser fortemente impactada pelas avaliações iniciais e informais.

5.3.1. Características das primeiras impressões

- Não se deve desprezar a relevância dos estudos que tratam do efeito das primeiras impressões.
- A avaliação das primeiras impressões produzem juízo sobre a classe e definem, de alguma forma, as expectativas do professor, os níveis de exigência, o aspecto geral da classe etc.

5.3.2. O que fazer

- Em função de serem inevitáveis as primeiras impressões, deve-se buscar maior rigor na obtenção dos dados, por meio de, por exemplo, um questionário anônimo.
- Os professores são igualmente avaliados pelos alunos desde o início e o professor deve avaliar se, de fato, está contribuindo para uma imagem negativa a seu respeito.

6. O primeiro dia de aula

- É importante tratar da boa relação entre professor e alunos desde o início. Não se deve desperdiçar a atenção dos alunos no primeiro dia de aula. Organizar um esquema com tudo o que se quer dizer é um bom costume.
- Preconceitos podem ser fruto de experiências anteriores negativas. Por isso, e por que podemos comprometer o curso nas primeiras aulas, elas são importantes para formar boas impressões iniciais.
- A importância do primeiro dia de aula é mútua e o professor deve estar ciente da sua parcela de responsabilidade no cumprimento dos compromissos decorrentes das primeiras orientações do curso.

6.1. O que dizer e para que dizer

- Comunicar uma série de ideias que tratem das preocupações relativas às primeiras impressões, buscando estabelecer uma boa relação motivadora.

- A comunicação inicial com os alunos deve ser contextualizada, clara, objetiva e factível, evitando posterior frustração das expectativas criadas.

6.2. Outras atitudes e observações

- Cada disciplina tem particularidades que devem se tratadas durante as primeiras aulas. Por exemplo, se é difícil, deve-se reforçar a transmissão de normas e regras, bem como expectativas de êxito e incentivo.
- O que se transmite deve ser o que se sente. Por isso, o professor deve refletir se seu discurso é coerente às suas crenças.

7. O efeito Pigmalião: efeitos das expectativas

- A expressão foi cunhada para exprimir os efeitos das expectativas do professor quanto ao rendimento dos alunos.
- Deve-se refletir sobre tais expectativas pois remetem às primeiras impressões, aos preconceitos e à reciprocidade dos influxos professor-aluno.
- A comunicação de expectativas deve ser cuidada durante todo o curso, e não apenas aos primeiros dias de aula.

7.1. Origens e efeitos das expectativas

- As expectativas e condutas de professores e alunos são alimentadas e retroalimentadas continuamente, a partir de informações obtidas no curso da relação.

7.2. A conduta do professor que tem expectativas altas

- As condutas do professor são determinadas pelas expectativas quanto ao rendimento dos alunos.

7.2.1. Manifestações do tratamento diferencial

- Deve-se cuidar para que o tratamento diferencial para um aluno não seja vista como atitude discriminatória pelos outros.
- Todos os alunos devem sentir-se amparados pela atenção do professor.

7.2.2. Teoria do afeto/esforço

- É natural a atenção diferenciada aos alunos que dão melhor retorno; o professor é mais afetuoso e esforçado para com estes. Entretanto, deve evitar que o sentimento de hostilidade seja percebido pelos demais.

7.3. Conclusões para professores

- O professor deve ter sabedoria para refletir sobre suas atitudes para com os alunos e buscar ser afetuoso, dedicado e esforçado com todos, ainda que suas expectativas sejam maiores com apenas uma parte deles.
- A personalidade dos alunos varia de um para outro e o professor deve evitar que essas variações influenciem no seu interesse pelo aprendizado de todos.
- A comunicação de expectativas altas para todos os alunos deve ser acompanhada da ação para que essas expectativas se concretizem, principalmente para aqueles que mais necessitam de atenção. A manifestação de expectativas deve ser um compromisso do professor.

8. A abertura do professor na classe

8.1. Há propósito em comentar coisas pessoais?

- Comentar coisas pessoais em sala de aula pode encurtar distâncias entre professor e alunos. Não se trata de buscar intimidade, mas de ser visto como pessoa.

8.2. Consequências da abertura do professor

- A abertura do professor incide em uma maior participação dos alunos, em um clima melhor e em uma motivação maior.

8.3. Autenticidade e genuinidade

- Os alunos devem perceber o professor como genuíno e autêntico para que a relação cresça e se fortaleça.
- O professor não precisa ancorar-se na sua autoridade legal para definir-se na relação com os alunos.
- O professor não precisa se deixar aprisionar no papel que exerce. Ele pode e deve ser flexível para buscar a intensidade correta na sua relação com os alunos.

9. As perguntas orais feitas em classe

- As perguntas feitas espontaneamente em aula estabelecem uma relação mais interpessoal com alunos em particular e com a classe em geral.
- Merecem atenção especial e até podem ser pensadas e preparadas de antemão. Por isso, é importante ter consciência das diversas funções que podem cumprir e dos diversos modos de formulá-las.

9.1. Dimensão didática e relacional

- A pergunta oral é uma das mais utilizadas técnicas didáticas para promover o ensino e pode ser utilizada pelo professor para reforçar a relação com os alunos.
- O professor deve refletir sobre o uso dessa técnica para trabalhar tanto a dimensão didática quanto a dimensão relacional.

9.2. Funções das perguntas orais formuladas durante a aula

- A definição do que, a quem e com que frequência se pergunta deve ser feita à luz do entendimento das suas funções para com as dimensões didática e relacional.

9.2.1. Verificar o progresso da classe

- As perguntas permitem verificar o entendimento da classe sobre determinada matéria, mas também permitem dar informação aos alunos, corrigindo seus erros.

9.2.2. Repassar o que já foi explicado e consolidar o que foi aprendido

- As perguntas dão destaque ao que é mais importante e direcionam a atenção dos alunos para os conhecimentos mais relevantes.
- Permitem a correção de erros generalizados e contribuem para o fortalecimento da confiança dos alunos com relação às intenções do professor.
- Boas questões requerem manipulação de informação, exercício mental, interpretação, criação ou justificação da resposta etc. Para que sua influência seja eficaz sobre o aprendizado, devem ser feitas de forma contínua, consistente e frequente.

9.2.3. Fazer um diagnóstico dos problemas do aprendizado

- A aplicação de perguntas bem elaboradas permite identificar as bases do problema de aprendizagem.

- É interessante localizar e diagnosticar os processos mentais utilizados pelos alunos na resposta às perguntas orais.

9.2.4. Centrar a atenção dos alunos e estimular seu interesse

- A aplicação de perguntas orais é útil para trazer a atenção dos alunos novamente para a aula.

9.2.5. Iniciar períodos de discussão e estimular a participação dos alunos

- Ao invés de perguntar sobre conceitos, o professor pode perguntar sobre a visão/opinião dos alunos quanto a um tema para, a partir da resposta, iniciar um debate. A aplicação desse tipo de pergunta deve ser feita de modo prudente.

9.2.6. Estimular a aplicação do que se vai aprendendo

- Perguntar sobre a aplicação prática de um conhecimento transmitido estimula o interesse e faz os alunos pensar.

9.2.7. Estimular o pensamento crítico e criativo

- O pensamento crítico e criativo pode ser incentivado por meio de provocações (afirmações paradoxais, impopulares etc.) que pedem do aluno uma resposta com manipulação intelectual do conteúdo (*high order questions*).

9.2.8. Estimular processos mentais desejados

- As perguntas orais podem ser sistematizadas conforme o tipo de resposta que se deseja obter, desde a simples retomada de assunto até a avaliação crítica sobre determinado tema.

9.3. Orientações sobre as perguntas orais

- Perguntar é fácil mas, apesar disso, a pergunta deve ser bem apresentada para dar ao aluno o entendimento do que se espera da resposta. Além disso, ele deve ser sempre respeitado pelo professor quanto ao tempo que lhe é dado para a resposta, quanto a uma nova oportunidade, caso o aluno a queira etc.
- A resposta de um aluno pode ser submetida a outro, para que este a complemente ou a melhore, ampliando a direção da comunicação.

- O professor deve variar na escolha dos alunos que responderão a pergunta, buscando nivelar a importância percebida pelo grupo.
- Nem sempre é fácil improvisar as perguntas. Por isso, e para garantir que cumpram sua função, convém pensá-las e anotá-las previamente.

10. A comunicação de resultados de avaliações e provas (*feedback*)

10.1. Conclusões das pesquisas experimentais

- Os estudos sobre o tema apontam para a importância de indicar o porquê do erro, de elogiar verbalmente as respostas corretas, de elogiar acertos específicos (levando em conta a qualidade da tarefa), de informar o quanto antes (permitindo ao aluno suprir suas deficiências), de utilizar avaliações formativas e de repetir provas parciais (*mastery testing*).
- A aplicação de um bom método de comunicação de resultados de avaliações e provas aumenta o rendimento dos alunos, melhora suas atitudes e pode até permitir um aumento no nível de exigência.

10.2. Conclusões e aplicações práticas

- A comunicação de resultados de avaliações e provas pode ser entendida como um momento para reforçar a relação entre professor e alunos. A divulgação dos critérios de correção, dos critérios para escolha das perguntas, da avaliação média da turma etc., transmite confiança aos alunos quanto às intenções do professor.

11. A avaliação formativa

11.1. Avaliar para informar

- A avaliação formativa, com objetivo fundamental de informar os alunos sobre seu próprio aprendizado, deve ser considerada mais como um método de ensino do que como uma avaliação convencional à qual se segue uma qualificação.
- A utilização de uma avaliação pensada como ajuda ao aprendizado, como é a formativa, permite um uso mais informativo e de reflexão sobre os resultados.

11.2. Sugestões sobre métodos rápidos de avaliação

- O trabalho que se tem na avaliação frequente e formativa pode ser compensado por uma relação funcionalmente útil com o alunos, em função do carácter mais informal, sem riscos (ou com menos riscos) para eles.
- Apesar disso, cabem as seguintes observações: as perguntas orais devem ter o claro objetivo de detectar erros ou pontos não compreendidos; podem ser usados testes objetivos, simples e breves, que permitam detalhar o conhecimento sobre os pontos da matéria considerados mais importantes; pode ser usado o método de fazer algumas perguntas sobre a matéria dada no dia e, na aula seguinte, comentar sobre a correção das respostas.
- Com maiores e melhores informações sobre o conhecimento que os alunos obtiveram da matéria, é possível exigir mais.

11.3. Avaliação e motivação

- Uma avaliação mais frequente e informal permite aproveitar melhor uma série de orientações básicas para motivar e orientar os alunos e estabelecer com eles um relacionamento de maior eficácia educativa.
- Além disso, é importante ter em mente que a motivação é reforçada por quatro princípios que podemos por em prática: o êxito (ainda que artificiais e parciais), os objetivos claros (definidos previamente e comunicados aos alunos), a comprovação que os outros esperam muito de nós (transmitindo as expectativas, que devem ser realistas) e a possibilidade de correção de erros (o *feedback* deve chegar no tempo certo).

12. As perguntas fora de prova: a avaliação do clima da sala de aula

- Além das perguntas orais e das avaliações e provas, é igualmente importante avaliar o clima emocional da sala de aula.

12.1. Por que avaliar a dimensão afetiva?

- Nem tudo o que é avaliável é qualificável: não se trata de notas, mas sim de uma avaliação grupal e anônima.
- Não se pode desprezar a dimensão emocional, pois o modo como nos sentimos influi poderosamente em como e quanto aprendemos.

- Facilitar a reflexão e o diálogo sobre as atitudes e valores importantes para o grupo valoriza a importância desse aspecto na relação entre professor e alunos.
- Em última instância, é importante que os alunos percebam a importância dada pelo professor aos seus pensamentos e sentimentos.

12.2. Que perguntas podemos fazer?

- Pode-se perguntar sobre o que nos seja útil conhecer ou avaliar, sobre aquilo cuja resposta nos interesse, sobre assuntos cujas respostas possam induzir os comentários desejados.
- Quanto às perguntas “fora de prova”, as perguntas podem ter alguma relação com o estudo (dimensão emocional) ou não (relativas a atitudes e valores relacionados com os conteúdos das matérias).
- Podem tratar das expectativas sobre a matéria ao começar o curso (ligada às primeiras impressões), sobre a dificuldade de um tema determinado (ou ritmo da classe, clareza na compreensão etc.), sobre a utilidade ou dificuldade dos exercícios, lições de casa etc., sobre as opiniões a respeito de determinados valores e atitudes, entre outros.

12.3. Observações e conclusões

- As perguntas fora de prova podem ampliar o diálogo do professor com a turma, tendo em vista a atenção e o interesse que caracteriza esse tipo de avaliação.
- A avaliação de atitudes é boa estratégia didática, pois convidam a uma reflexão que podem não ocorrer de outra forma.
- A avaliação indireta, feita pelos alunos durante algumas dessas perguntas, é mais fácil de ser aceita pelo professor e, com isso, ele pode reordenar suas ações para evitar que as críticas se transformem em problemas.

13. A relação dos alunos entre si na sala de aula

- É possível estruturar situações para que os alunos falem entre si de coisas importantes, ainda que não acadêmicas, mas que se encaixem bem em situações de aula normal.

13.1. Integrar no grupo os alunos mais marginais

- A marginalização social de alguns alunos não é um fato esporádico e pode causar dificuldades de aprendizado. O professor pode ajudar o orientador educacional na tarefa de integrar esses alunos, formando grupos ou equipes que desenvolvam trabalhos colaborativos e, assim, criando situações de interação.

13.2. Aprender a trabalhar juntos

- Uma estratégia que pode garantir a participação efetiva dos alunos é a autoavaliação do modo de trabalho (ficaram contentes com o trabalho, todos participaram etc.).
- O professor deve criar uma situação de comunicação entre os alunos e o propósito educativo. Essas situações podem ser ampliadas para outras experiências, atividades didáticas, práticas ...
- Mesmo situações de fracasso podem se converter em ocasiões de aprendizado positivo e eficaz, com a aplicação de uma avaliação estruturada (que perguntas devem ser respondidas), compartilhada (trata-se de facilitar a autoavaliação) e habitual (devem ter frequência que permita a criação de hábitos).

13.3. Refletir sobre nossas atitudes e valores

- Deve-se respeito à liberdade e ao modo de sentir do aluno, mesmo que sua falta de conhecimento imponha sua reprovação.
- O professor deve propiciar situações de aprendizado que extrapolem o conteúdo curricular, permitindo a discordância de opiniões, a verbalização de sentimentos, a comunicação e o diálogo.
- As estratégias para atingimento desse objetivo devem ser formuladas pelo professor, a partir da reflexão sobre as atitudes e valores suas e dos seus alunos.

Conclusões: Enfoques da relação professor-aluno na sala de aula

- É importante pensar nos resultados não intencionais, mas alcançados, por meio do nosso ensino e relacionamento com os alunos.

- O modo como se dá a relação com os alunos, em termos de qualidade e de impacto sobre eles, depende fundamentalmente das nossas próprias atitudes e do modo como nos vemos enquanto docentes.
- A relação entre professor e aluno não se limita ao que se denomina como relações humanas. Abrange outras dimensões, nas quais a percepção funciona mais do que os sentidos.
- Há reciprocidade de influências entre professores e alunos, de modo que a atitude de uns condiciona a dos outros e vice-versa.
- As perguntas orais criam momentos e situações de sala de aula que potencializam a relação com os alunos. Essas situações são extremamente úteis, quer sobre o aspecto didático, quer sobre o aspecto da influência formalmente educativa. É oportuna a reflexão sobre os possíveis para que e como dessas perguntas.
- Outro momento importante de relação-comunicação encontra-se na avaliação e nas provas, pois a receptividade dos alunos permite orientar e motivar.
- Existem ainda outras situações que nos permitem perguntar outras coisas, além do conteúdo, contribuindo para o amadurecimento dos alunos. Essas situações são as avaliações do clima da classe, dos valores e das atitudes dos alunos. Nelas é possível ajudar os alunos no aprendizado deles mesmos.
- O relacionamento pessoal do professor com os alunos na sala de aula abrange tudo o que já é feito, e mais ainda mediante o que já fazemos. O relacionamento com os alunos não pode ser descuidado nunca, sob risco de tornar-se nossa grande ocasião perdida.

Referência

MORALES P.V. *A relação professor-aluno*. Edições Loyola, 9ª ed., 2011.